

SUBUTILIZAÇÃO DO PREPARO PROFISSIONAL DO ENFERMEIRO

*Maria Auxiliadora Trevizan**

*Isabel Amélia Costa Mendes**

*Neide Fávero**

RESUMO: Foram observadas as atividades desempenhadas pelos enfermeiros-chefes de unidades de internação de um hospital-escola, determinando o tempo gasto em atividades que julgam que devem ser delegadas ao pessoal subalterno e/ou que devem ser executadas por pessoas de outros serviços. Comparando os dados obtidos em duas etapas, com diferença de três anos uma da outra, verificaram que o tempo dos enfermeiros-chefes incluídos no estudo não é devidamente dirigido para suas funções específicas.

1. INTRODUÇÃO

A enfermagem brasileira, considerada como uma profissão em desenvolvimento há mais de meio século, apresenta ainda hoje problemas relacionados à distribuição de atividades, tornando-se evidente a necessidade de estudos nesta área para que haja melhor aproveitamento do potencial do enfermeiro.

Ao procurar definir o papel da enfermeira, através de estudo realizado em hospital-escola, FERREIRA-SANTOS⁵ enfatiza a necessidade de uma melhor compreensão e delimitação do papel de cada categoria de pessoal que compõe a equipe de enfermagem, com o propósito de eliminar muitos dos problemas existentes na organização hospitalar. A mesma autora, analisando o sistema social hospitalar, conclui que o papel da enfermeira está mal integrado naquele sistema.

Um fator indispensável para o crescimento da profissão é o desenvolvimento de pesquisas relacionadas principalmente, com a execu-

* Professoras-Assistentes do Departamento de Enfermagem Geral e Especializada da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto — USP.

ção de atividades de enfermagem. Concordamos com RIBEIRO⁹ quando afirma que sem pesquisas nessas áreas, que respondam a questões como: — “que atividades estão desempenhando as enfermeiras, as auxiliares e os atendentes?”; “há uma diferenciação de funções para cada categoria?”; “se existe, como funciona na realidade?” — não poderemos solucionar os problemas referentes à utilização adequada do pessoal na assistência aos pacientes hospitalizados.

Através de observação assistemática, temos verificado que os enfermeiros-chefes de unidades de internação de um hospital-escola, além de estarem desempenhando atividades administrativas (principalmente burocráticas) em proporções acentuadas, estão também desenvolvendo atividades que poderiam ficar a cargo do pessoal auxiliar, e outras que, a nosso ver, deveriam ser executadas por pessoas de outros serviços.

FERREIRA-SANTOS & MINZONI⁶, em seus estudos, demonstraram que a enfermeira gasta aproximadamente 20% do seu tempo em atividades de outros níveis. O nível *não próprio* em que a enfermeira mais trabalha é o de secretária.

Autores como ALVIM & col.¹, BECKER & col.² e CARVALHO³ comentam sobre as atividades que poderiam ficar a cargo da escriturária, liberando o pessoal de enfermagem para os cuidados diretos ao paciente. CARVALHO³ acrescenta que a “manutenção de enfermeiros em uma unidade de internação dispendendo 85% de seu tempo em atividades burocráticas ou mesmo domésticas é anti-econômica para o hospital, causa frustração ao próprio enfermeiro e confunde as escolas de enfermagem”.

Com base nestas observações decidimos:

1. verificar as atividades que devem ser delegadas ao pessoal auxiliar ou a pessoas de outros serviços que estão sendo desempenhadas pelos enfermeiros-chefes de unidade de internação de um hospital-escola, em dois períodos de tempo;
2. determinar o tempo gasto pelos enfermeiros-chefes em atividades que devem ser delegadas ao pessoal subalterno e/ou que devem ser executadas por pessoas de outros serviços;
3. conhecer as atividades que os enfermeiros-chefes referem que podem e as que não podem ser delegadas.

2. METODOLOGIA

Realizou-se este estudo nas quatro unidades de internação de um hospital escola que possuíam maior número de leitos. Foram incluídos todos os enfermeiros-chefes que aí trabalham no período de 6:30 às 15:30 horas, sendo que na primeira etapa a população foi constituída por 11 enfermeiros-chefes e na segunda etapa (3 anos após) a população totalizou 13 enfermeiros-chefes.

Foram utilizadas as técnicas de observação intermitente e entrevista. Os enfermeiros-chefes foram observados enquanto realizavam suas atividades nas unidades de internação no período de 6:30 às 15:30 horas, em intervalos de quinze minutos, durante cinco dias consecutivos.

Após o término da coleta de dados da observação intermitente conhecíamos, então, quais eram as atividades executadas pelos enfermeiros-chefes. Apesar de ainda não termos nos detido para uma análise mais profunda destes dados naquela ocasião, ainda assim, julgamos conveniente incluir no formulário da entrevista questões relativas ao planejamento das atividades diárias e à satisfação quanto ao desempenho das mesmas. Estas questões foram, então, incluídas naquele formulário na tentativa de obtermos respostas para os prováveis desvios de suas próprias atribuições — por nós já notados quando da observação intermitente.

Terminada a observação intermitente foram realizadas entrevistas com todos os enfermeiros-chefes incluídos no estudo. Após um período de três anos repetiu-se a investigação, utilizando-se as mesmas técnicas de coleta de dados naquelas mesmas unidades estudadas na primeira etapa.

2.1. Definição de termos

ENFERMEIRO-CHEFE — é o responsável pela direção e supervisão de uma unidade e pela assistência de enfermagem prestada ao paciente.

UNIDADE DE INTERNAÇÃO — “A Unidade de Enfermagem ou Unidade de Internação é o conjunto de salas destinadas à internação, tratamento e conforto dos doentes do hospital, de área compatível com a capacidade de supervisão de uma enfermeira. Compreende assim a Unidade de Enfermagem um determinado número de leitos dispostos

em quartos e enfermarias ou quais, com as dependências de serviço, compõem geralmente uma ala do hospital''⁷.

ATIVIDADES QUE DEVEM SER DELEGADAS AO PESSOAL SUBALTERNO — são as atividades que estão sendo executadas pelos enfermeiros-chefes, mas que pelas suas características deveriam ser desempenhadas pelo pessoal auxiliar.

ATIVIDADES QUE DEVEM SER EXECUTADAS POR PESSOAS DE OUTROS SERVIÇOS — são as atividades que estão sendo desempenhadas pelos enfermeiros-chefes, mas que deveriam ser executadas por pessoas de outros serviços, como: técnico de laboratório, nutricionista, etc.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base nos dados coletados através da observação intermitente verificamos em estudos anteriores^{12, 13} que a porcentagem média de tempo gasto pelos enfermeiros-chefes das quatro unidades de internação mencionadas foi de 38,9% e de 53,1% em atividades administrativas, 9,3% e 14% em atividades de assistência direta ao paciente, nas duas etapas do trabalho, respectivamente. O tempo restante foi dispendido entre as seguintes atividades: colaboração no ensino e na pesquisa, que devem ser delegadas ao pessoal subalterno, que devem ser executadas por pessoas de outros serviços e particulares.

Neste estudo abordaremos apenas as atividades que os enfermeiros-chefes exercem, mas que deveriam ser delegadas ao pessoal subalterno, ou que deveriam ser executadas por pessoas de outros serviços.

Os dados obtidos através da observação intermitente permitiram que calculássemos a porcentagem média de tempo gasto pelos enfermeiros-chefes das unidades de internação A, B, E e D em atividades que devem ser delegadas a outrem nos cinco dias de observação, nas duas etapas do trabalho, como está demonstrado na Tabela 1. Verificamos que ao invés de diminuir, aumentaram, passando de uma média de 9,7% na 1ª etapa para a média de 20,7% na 2ª etapa.

TABELA 1 — Porcentagem * média de tempo gasto pelos enfermeiros-chefes em atividades que devem ser delegadas nos 5 dias de observação, nas duas etapas do estudo.

UNIDADE DE INTERNAÇÃO	A	B	C	D
ETAPA				
1ª	8,55%	23,94%	3,42%	2,85%
2ª	19,95%	19,38%	22,8 %	20,52%

* Esta porcentagem inclui as atividades que devem ser delegadas ao pessoal subalterno, e as que devem ser delegadas a pessoas de outros serviços.

Ao analisarmos, na Tabela 2, as atividades que devem ser delegadas ao pessoal subalterno constatamos que os acréscimos se devem, principalmente, ao desempenho de atividades relativamente simples ou não próprias do enfermeiro, como: *fazer relação dos pacientes da unidade, colocar armários em ordem, lavar material, receber e guardar medicação, arrumar gavetas do posto, marcar retorno para paciente e atender telefone*. Estas atividades constituem subutilização do preparo profissional do enfermeiro e deveriam ser delegadas a pessoal com nível inferior de instrução, deste modo ele poderia dedicar-se mais as suas funções específicas. Por outro lado, na 2ª etapa ele conseguiu delegar mais vezes duas atividades: *preencher pedido de farmácia e relacionar as atividades de enfermagem do mês*.

A *colheita de sangue*, considerada por nós como atividade que deve ser executada por pessoas de outros serviços, representou uma sobrecarga para o enfermeiro uma vez que aumentou em quase 100% (Tabela 3), embora os dados obtidos na entrevista mostrem que sete enfermeiros na 1ª etapa e apenas cinco na 2ª etapa informaram executá-la.

Verificamos, portanto, que o tempo dos enfermeiros-chefes não é devidamente utilizado em suas funções específicas — estes profissionais têm delegado ao pessoal auxiliar muitas das suas atribuições e têm executado atividades de outras categorias. Segundo RIBEIRO¹⁰ "as funções de enfermagem vão desde aquelas de natureza doméstica que

exigem pessoal de enfermagem com preparação em serviço, até aquelas de maior complexidade e que exigem pessoal profissional com grande capacidade de julgamento, conhecimento científico e poder de decisões. Portanto, torna-se necessária a hierarquização das funções, permitindo assim a utilização de pessoal de diferentes níveis de preparação”.

Uma das funções básicas do enfermeiro, segundo SIMS¹⁰ citada por RIBEIRO, consiste em dar ao pessoal auxiliar atribuições de acordo com seu preparo, dirigir e supervisionar seu trabalho; TIBIRIÇÁ¹¹ acrescenta que “a delegação de atribuições deve seguir os canais de comando estabelecidos, a fim de não infringir o princípio da Unidade de Comando e que o êxito dos trabalhos e a satisfação do grupo são assegurados quando se delegam atribuições de acordo com as capacidades físicas, intelectuais, técnicas, interesses e aptidões daqueles que vão executá-la”.

TABELA 2 — Frequência das atividades que devem ser delegadas ao pessoal subalterno, desempenhadas pelos enfermeiros-chefes das Unidades de Internação, nos 5 dias de observação durante o período de 6:30 às 15:30 horas, nas duas etapas de estudo.

UNIDADE DE INTERNAÇÃO	A		B		C		D		TOTAL	
	1ª	2ª	1ª	2ª	1ª	2ª	1ª	2ª	1ª	2ª
ATIVIDADES										
Preenche pedido de farmácia	2	2	7	—	—	3	1	2	10	7
Recabe, confere e guarda medicação	1	2	3	3	—	3	—	—	4	8
Recabe e confere radiografias	—	—	1	—	—	—	1	—	2	—
Lave material	2	2	3	3	—	2	—	4	5	11
Confecciona rótulos para vidros	—	—	2	—	—	—	—	—	2	—
Encapa livros da Unidade	—	—	1	—	—	—	—	—	1	—
Coloca armários em ordem	—	3	7	3	—	4	—	5	7	15
Arruma gavetas no posto	—	2	—	2	—	3	—	—	—	7
Transporte material para laboratório	1	1	—	—	—	—	—	3	1	4
Busca material no Centro Cirúrgico	—	2	—	—	—	—	—	1	—	3
Relaciona as atividades de enfermagem do mês	1	—	6	—	—	—	1	—	8	—
Faz relação dos pacientes da Unidade	—	3	—	1	—	1	1	4	1	9
Marca retorno para paciente	—	1	—	1	—	2	—	4	—	8
Arruma cama sem paciente	—	1	—	—	—	1	—	—	—	2
Guarda pertences do paciente	—	—	—	1	—	—	—	—	—	1
Atende telefone	—	2	—	3	—	4	—	8	—	17
TOTAL	7	21	30	17	—	23	4	31	41	92

TABELA 3 — Frequência das atividades que devem ser executadas por pessoas de outros serviços, desempenhadas pelos enfermeiros-chefes das Unidades de Internação, nos 5 dias de observação, durante o período de 6:30 às 15:30 horas, nas duas etapas do estudo.

UNIDADE DE INTERNAÇÃO	A		B		C		D		TOTAL	
	1ª	2ª	1ª	2ª	1ª	2ª	1ª	2ª	1ª	2ª
ETAPAS										
ATIVIDADES										
Colhe sangue	8	13	12	17	6	16	1	4	27	50
Faz prova funcional	—	1	—	—	—	—	—	—	—	1
Preenche pedido de exame	—	—	—	—	—	1	—	1	—	2
TOTAL	8	14	12	17	6	17	1	5	27	53

Quando questionamos quais as atividades que podem e quais as que não podem ser delegadas a pessoal auxiliar ou escriturária, as mais mencionadas pelos enfermeiros-chefes dentre as que podem ser delegadas, foram as seguintes: *fazer pedido de farmácia e/ou almoxarifado*, por 81,8% da população da 1ª etapa e por 38,5% da população da 2ª etapa; e *prestar cuidados diretos de enfermagem*, mencionada por 27,3% da população da 1ª etapa e por 53,8% da população da 2ª etapa. Por outro lado, atividades como: *transcrever ordens médicas*, *fazer visita aos pacientes* e *fazer relação do estado dos pacientes* foram as mais referidas entre aquelas que na opinião dos enfermeiros, não podem ser delegadas. Apenas 4,2% da população total indicou que *fazer admissão de paciente* e *prestar assistência a pacientes graves*, respectivamente, são atividades que não podem ser delegadas. Estes dados vêm comprovar o baixo índice de dedicação às atividades de assistência direta ao paciente, coletados na observação intermitente, sugerindo-nos que os enfermeiros que constituíram nossa população não se preocupam devidamente com tal atividade.

Verificamos ainda que nos dois períodos do estudo, todos os enfermeiros relataram que não há um plano escrito de suas atividades e que o trabalho é desenvolvido de acordo com a rotina, sendo que

as prioridades são estabelecidas mediante o estado dos pacientes e o número de funcionários. Quanto à satisfação no trabalho, verificamos que 72,8% da população da primeira etapa e 61,5% da população da segunda etapa referiram que não estão satisfeitos com o desempenho de suas atividades. Dos motivos alegados para esta insatisfação, gostaríamos de salientar que os enfermeiros referem que não têm quase tempo para se dedicarem à assistência direta aos pacientes, pois são muito absorvidos pelas atividades burocráticas — assim sendo, eles delegam a assistência de enfermagem aos auxiliares e atendentes; e relatam ainda que a educação em serviço não é muito desenvolvida e o tempo é escasso para a orientação e supervisão dos funcionários.

Diante de nossos resultados nos perguntamos: os enfermeiros-chefes estão executando as atividades que deveriam executar de acordo com sua formação profissional?

Observamos que os enfermeiros-chefes tomam para si muitas atividades que deveriam estar delegando ao pessoal auxiliar e escriturária e a pessoas de outros serviços, ao invés de assumirem mais as suas funções específicas — o julgamento de situações, a tomada de decisões, a orientação e supervisão de seu pessoal, o controle e a avaliação de todas as atividades desenvolvidas em sua unidade, enfim — a administração da unidade com vistas à assistência integral prestada aos pacientes.

A escassez de enfermeiros em nosso país é um fato bastante conhecido por todos; sabemos que é necessária uma maior quantidade de profissionais de enfermagem de nível superior, mas, por outro lado, convém ter presente a advertência de RIBEIRO¹⁰ para a importância da qualidade dos enfermeiros existentes, para a utilização plena e adequada dos enfermeiros disponíveis e para a sua responsabilidade pelo próprio desempenho profissional.

A mesma autora⁹ ainda assinala que: "embora as escolas de enfermagem não preparem profissionais para ocupar imediatamente cargos de chefia, devem prepará-los para a liderança do grupo de pessoal auxiliar, que não deixa de ser um dos aspectos da chefia dos mais importantes, pois é através do pessoal auxiliar, preparado e distribuído adequadamente, que a enfermagem atinge seus objetivos e participa da equipe de saúde".

A análise de nossos resultados nos leva a considerar que a revisão curricular necessária deve estar embasada nas atividades efetivamente desempenhadas pelos enfermeiros, resultantes de pesquisas e estudos nesta área, e não nos conceitos ideais da profissão. Como já disse

EPSTEIN⁴, talvez mais do que qualquer outra profissão, a enfermagem vê a necessidade de redefinir as suas funções e reavaliar os valores profissionais tradicionais.

Convém aqui reafirmarmos com WOLFOVITCH e col.¹⁴ que as transformações que se processam na realidade exigem que o preparo do enfermeiro seja analisado e adequado para uma participação na estrutura social e que o planejamento do ensino da enfermagem, se orientado para as reais necessidades do país e se bem executado, constituirá fator decisivo para a formação profissional — formação esta que, no nosso entender, levará os futuros profissionais a articularem os meios para o alcance de níveis ideais de atendimento aos nossos pacientes.

Permitimo-nos recomendar que a orientação aos enfermeiros — principalmente no sentido da distribuição mais racional de seu tempo entre as atividades que lhes competem — seja considerada, por ora, como função prioritária das responsáveis pelo Serviço de Enfermagem do hospital em estudo.

4. CONCLUSÕES

- os enfermeiros-chefes dedicaram em média 15,2% de seu tempo em atividades que não lhes competem — que devem ser delegadas ao pessoal subalterno e que devem ser executadas por pessoas de outros serviços; o tempo gasto em tais atividades na 1ª etapa deste estudo foi 9,7% e na 2ª etapa, 20,7%;
- as atividades mais mencionadas pelos enfermeiros-chefes, nos dois períodos do estudo, que podem ser delegadas são: *fazer pedido de farmácia e/ou almoxarifado e prestar cuidados diretos de enfermagem*;
- as atividades: *transcrever ordens médicas, fazer visita aos pacientes e fazer relação do estado dos pacientes* foram as mais referidas entre aquelas que, na opinião dos enfermeiros, não podem ser delegadas.

SUMMARY: An investigation was carried out of the activities performed by the floor head nurses in a teaching hospital, to determine the time spent with activities which should be delegate to subordinate personnel and/or executed by people of other services. Comparing the data collected in two periods separated by a 3 year interval, it was verified that the time invested by those floor head nurses included in the study is not properly directed to their specific tasks.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALVIM, E.F.; BORGES, M.V. & BARROS, T.A. Pesquisa operacional das atividades de enfermagem na Fundação S.E.S.P. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Rio de Janeiro, 19(4):236-302, jul/ago. 1966.
2. BECKER, R.S.; CASTRO, I.B. & WINGE, S.V. Pesquisa operacional sobre as atividades de enfermagem no Conjunto Sanatorial Raphael de Paula Souza. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Rio de Janeiro, 24(2):56-63, jan./mar. 1971.
3. CARVALHO, A.C. Plano de cuidados de enfermagem como uma das funções do enfermeiro-chefe. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, São Paulo, 2(1):108-17, mar. 1968.
4. EPSTEIN, C. *Interação efetiva na enfermagem*. São Paulo, E.P.U.-EDUSP, 1977.
5. FERREIRA-SANTOS, C.A. *A enfermagem como profissão: estudo num hospital-escola*. São Paulo, Livraria Pioneira Ed., EDUSP, 1973.
6. FERREIRA-SANTOS, C.A. & MINZONI, M.A. Estudos das atividades de enfermagem em quatro unidades de um hospital governamental. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 21(5):396-443, set./out. 1968.
7. QUEIROZ, A.G. Posto de enfermaria. *Revista Técnica de Planejamento Hospitalar*, São Paulo, 9(1):15-9, 1963.
8. RIBEIRO, C.M. A gestão administrativa da enfermagem integral nos serviços de saúde. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Rio de Janeiro, 24(1-2):70-100, jan./mar. 1971.

9. _____. Organização de serviços de enfermagem. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Rio de Janeiro, 26(3):121-145. abr./jun, 1973.
10. SIMS, Apud RIBEIRO, C.M. Atividades de enfermagem. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, São Paulo, 3(1):5-8, mar. 1969.
11. TIBIRIÇÃ, C.C. Delegação de atribuições em enfermagem. *Revista Paulista de Hospitais*, São Paulo, 22(8):375-7, ago. 1974.
12. TREVISAN, M.A. *Estudo das atividades dos enfermeiros-chefes de unidades de internação de um hospital-escola*. Ribeirão Preto, USP, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, maio, 1978. Diss. Mestr.
13. TREVISAN, M.A.; MENDES, I.A.C.; FÁVERO, N. Atividades administrativas desempenhadas por enfermeiros-chefes – um estudo longitudinal. *Revista Paulista de Hospitais*, São Paulo, 28(7):204-10, jul. 1980.
14. WOLFOVITCH, C.; FARIAS, F.C.; SILVA, G.C.X.; FERNANDES, J.D.; SOUZA, M.G. Experiência de campo necessária à formação do enfermeiro. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Rio de Janeiro, 28(1):26-49, jan./mar. 1975.

Endereço do Autor: Maria Auxiliadora Trevisan
Author's adress: Escola de Enfermagem de
Ribeirão Preto-USP
14.100 – RIBEIRÃO PRETO (SP).